

ORGANIZAÇÃO TEXTUAL: UMA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Waldivia Maria de Jesus

RESUMO: Este artigo propõe analisar a organização de parágrafos no texto-em-funções ou o texto como manifestação da linguagem. Na visão de Fávero & Koch (2002), o conceito de texto-em-funções surgiu de uma pesquisa interdisciplinar que reúne outras áreas de conhecimento como a filosofia da linguagem, a sociologia, a psicologia e a teoria da comunicação. Os estudos da linguagem, nessa perspectiva, ultrapassam o plano da forma, por conceber o texto não como construção linguística abstrata, mas como o texto-em-funções (ou a gramática dos atos de fala). Nessa concepção, o foco é a produção e a recepção de manifestações linguísticas, com funções comunicativas. O *corpus* desses estudos constitui-se por um texto extraído do jornal Folha de São Paulo.

Palavras-chave: organização textual, linguagem em ação, interação social

ABSTRACT: *This article aims to analyze of paragraphs in the text-in-function or the text as a manifestation of language. In view of Favero & Koch (2002), the concept of text-to-function emerged from interdisciplinary research which includes other areas of knowledge such as philosophy of language, sociology, psychology and communication theory. Studies of language, in this perspective, beyond the level of form, to design the text as abstract linguistic construction, but as the text-in-function (or the grammar of speech acts). In this conception, the focus is the production and reception of linguistic expressions, with communicative functions. These studies corpus is constituted by a text extract of Folha de São Paulo newspaper.*

Keywords: *textual organization, language in action, social interaction*

Introdução

O texto que constitui o *corpus* desses estudos se classifica como artigo de opinião, por meio do qual o enunciador expõe suas ideias e argumenta em defesa de um ponto de vista. Em função disso, centramos a atenção na organização do parágrafo expositivo-argumentativo, por ser predominante nesse tipo de texto.

Propomos abordar a organização desse texto como instrumento de realização de intenções comunicativas do produtor. Essa visão se ancora nas bases teóricas da pragmática, que põe em relevo o relacionamento entre o linguístico e o extralinguístico, entre o código e a mensagem, cujo foco é a produção e a recepção de manifestações linguísticas, com funções comunicativas.

A organização do texto-em-funções se processa com ênfase na funcionalidade, uma vez que esse é produzido com vistas a comunicar algo a alguém, com a máxima eficiência. Por isso, seu produtor tende a considerar o público a quem se dirige e o efeito de sentido que intenciona causar sobre seu público leitor. Isso quer dizer que, conforme a intenção comunicativa, o enunciador pode produzir seu texto com vistas a persuadir, dissuadir, informar, perguntar, declarar ou justificar.

A organização textual, nessa perspectiva, põe em relevo a dinâmica de uso da linguagem, o que implica no dinamismo da organização de parágrafos, que deixa de obedecer a uma forma rígida. Nesse sentido, considera-se a natureza do objeto de discurso e as circunstâncias de comunicação, que tendem a influir na escolha das formas de organização mais adequadas para comunicar um dado conteúdo de ideias. Nesse sentido, Halliday & Hasan (1985) argumentam que o modo de organização da linguagem é determinado pelas funções que ela desempenha em dados contextos.

Essa é uma visão pragmática da linguagem que, embora não seja um tema novo, trata do discurso, do texto, do contexto e dos atos de fala. Nesse sentido, Varó (1992) sustenta que na visão pragmática o significado textual é entendido como uma fonte inacabada de sentidos, uma vez que se trata de um fenômeno dinâmico condicionado pela atuação circunstancial de lugar e tempo de enunciação.

Nessa perspectiva, a Teoria dos Atos de Fala, formulada por Austin (1980) contribui para descrever a linguagem em ação, visto que considera os enunciados utilizados pelos falantes em relação aos seus interlocutores, dentro de um contexto dado. Sob essa ótica, os atos efetuados com a linguagem surtem efeitos comunicativos.

Organização de parágrafos: organização da linguagem

A organização de parágrafos tem como fim principal a organização do pensamento e da linguagem, uma vez que o sucesso dos atos de linguagem decorre, dentre outros fatores, dessa organização. Isso implica em buscar meios eficazes para textualizar as informações, conforme as circunstâncias de tempo, lugar e pessoas. Essas circunstâncias tendem a determinar as formas de

organização da linguagem, que podem variar dentro de um único texto, conforme a complexidade do objeto de comunicação.

Isso não significa que a classificação de parágrafos, de acordo com a forma de ordenação, apresentada nos manuais de redação, seja menos importante. Essa classificação é necessária para fins didáticos, com a finalidade de facilitar a compreensão, para aplicação em situações de interação pela linguagem que, na maioria das vezes, requerem a junção de diferentes formas para transmitir o conteúdo das mensagens. Considerando esse fato, refletimos acerca da classificação de formas de organização de parágrafos, sob a visão de estudiosos dessa área, com a finalidade de apreender seu sentido e observar suas possibilidades de uso no texto-em-funções.

Serafini (2004) discorre acerca da organização do parágrafo expositivo-argumentativo sob a visão de (Toulmin, 1958 e Moore, 1981). Esses autores examinam as características de um parágrafo com o intuito de identificar quais dentre elas contribuem para convencer o leitor a compartilhar a tese que o escritor defende. Essas características são identificadas a partir de três elementos fundamentais: a afirmação, a informação e a garantia.

A afirmação apresenta a ideia principal do parágrafo; a informação contém os dados que apoiam a afirmação; a garantia constitui a ligação, entre a afirmação e a informação, mostrando a importância da informação para apoiar a asserção. A autora enfatiza que a utilização desses elementos não obedece a uma forma fixa, uma vez que esses podem ser utilizados de vários modos no desenvolvimento de parágrafos.

Serafini (2004) faz distinção entre parágrafo descritivo e parágrafo expositivo-argumentativo. No primeiro, a garantia pode estar subentendida, no segundo, são as informações. No primeiro, a informação precede a garantia; no segundo, a garantia quase sempre precede a afirmação. Essa escolha, na visão da autora, é estratégica e se vincula à necessidade de convencer o leitor, sobre a validade da afirmação. Isso se explica porque em um parágrafo expositivo-argumentativo é particularmente importante que as garantias sejam aceitas e compartilhadas.

Parágrafo expositivo-argumentativo e suas particularidades

Para Serafini (2004), o parágrafo expositivo-argumentativo é o mais complexo, pelo fato de uma única unidade discursiva englobar, na maioria das vezes, mais de um parágrafo relacionados entre si; como, por exemplo, parágrafos descritivos e narrativos que reforçam a argumentação. Assim sendo, a unidade expositivo-argumentativa apresenta, em geral, as três categorias do modelo de Toulmin: a ideia que se pretende afirmar (afirmação), os dados que a apoiam (informação) e considerações gerais que servem para unir a ideia afirmada aos dados (garantia).

Essa autora observa que na organização do parágrafo expositivo-argumentativo a informação pode estar subentendida, já que ela é tida como conhecida. No entanto, a autora enfatiza que nesse tipo de parágrafo, o produtor do texto deve cuidar para que as garantias sejam aceitas e compartilhadas. Isso se justifica em função da intenção de obter o sucesso do ato de linguagem, pois, para que isso ocorra, é preciso, em primeiro lugar, convencer o leitor da garantia, pois assim, fica mais fácil convencê-lo de que a afirmação é verdadeira.

Nessa direção, Garcia (1972) propõe um modelo de organização textual global, que se processa a partir de quatro estágios, a saber: a) formulação da tese que deve ser clara e inconfundível; b) a análise da tese que consiste no estágio de maior importância, por exigir um grande esforço por parte do enunciador para manter a imparcialidade; c) a formulação dos argumentos que constitui a argumentação propriamente dita. Trata-se do estágio em que o autor apresenta as provas ou razões que sustentam a tese, ou seja, é o suporte de suas ideias; d) a conclusão que resulta das provas ou razões apresentadas. Dessa forma, a estruturação do texto expositivo-argumentativo constitui, em tese, análise, síntese e conclusão.

Para facilitar a organização da linguagem dentro dessa estrutura global, Garcia (1972) apresenta os seguintes tipos de organização de parágrafos: enumeração ou descrição de detalhes, confronto, analogia e comparação, citação de exemplos, razões e consequências, causa e efeito. Essas formas serão verificadas na análise do texto que constitui o *corpus* deste trabalho.

Lembramos que essa classificação ocorre para fins didáticos, tendo-se em vista que no texto-em-funções essas formas de organização textual assumem um caráter dinâmico e, sendo assim, elas podem se apresentar imbricadas, com a finalidade de dar conta dos sentidos que o texto veicula.

Sob a ótica de Fávero & Koch (2002), a abordagem comunicativa da linguagem, que prevê o texto desempenhando funções, põe em relevo a extensão qualitativa da linguagem. Essa extensão está relacionada com o domínio do uso da linguagem. Isto significa que conhecer as categorias linguísticas é importante, mas não basta para estabelecer a interação, uma vez que essa decorre da capacidade de fazer uso dessas categorias, no sentido de adaptá-las as diversas situações comunicativas.

Com o apoio desse aporte teórico propomos verificar as várias possibilidades de organização da linguagem, em forma de parágrafos, dentro de um único texto, entendido como texto-em-funções ou texto como instrumento de realização de intenções comunicativas. Trata-se do texto: *Quantas missas vale Paris?*, da Folha de São Paulo, p. A2. de 08 de novembro, de 2005, escrito pelo jornalista Clovis Rossi.

Análise de texto

1. BUENOS AIRES – O que está acontecendo em Paris e em outras cidades francesas parece a
 2. repetição, sem o morro, da situação das favelas do Rio de Janeiro ou de outras regiões do Brasil
 3. em que o Estado já não controla nem tem, como seria de rigor, o monopólio no uso das armas.
 4. O problema é que ocorre justamente em uma das mais simbólicas cidades do Ocidente rico e
 5. glamuroso e que, ainda por cima, orgulha-se imensamente de
 6. sua “liberdade/igualdade/fraternidade”.

8. A avaliação mais convencional sobre a crise “balieues” parisiense já foi feita pelo próprio
 9. presidente Jaques Chirac em um livro velho (“A França para todos”), como recorda o jornal
 10. britânico “Financial Time”. “Mais da metade da população francesa não é nem entendida nem
 11. protegida. As pessoas perderam a confiança. Seu desespero leva à resignação; há o risco de
 12. incitar o ódio. Estamos a mercê de uma explosão social”, escrevia Chirac.

13. Mas não explica tudo. Faz tempo que é assim, faz tempo que, nos subúrbios amontoam-se
 14. filhos ou netos dos primeiros imigrantes, que os sociólogos Stéphane Beaud e Gerard Noiriel
 15. chamam de “os novos páreos da República.”

16. Ao contrário dos pais ou avós, conformados porque até o “desespero” em que Chirac os via é
 17. preferível ao sofrimento insuportável dos que fugiram, a terceira geração não aceita
 18. passivamente a exclusão do banquete.
 19. Se é assim há algum tempo, porque explodiram agora em tão larga escala? Por que como no
 20. Brasil se tornaram recruta da violência? (...)
 21. É um problema social, mas é também policial. Não dá para confundir as coisas e alegrar-se,
 22. como certos setores da esquerda idiotizada, com ataque a símbolos do capitalismo.
 23. Essa meninada não está procurando “liberdade/igualdade/fraternidade” nem nos subúrbios de
 24. Paris nem nos morros do Rio.

Para proceder à análise desse texto partiremos dos aspectos de organização global para chegarmos aos aspectos específicos. Para isso, utilizaremos, em primeiro lugar, o modelo global proposto por Garcia (1972), que sugere os seguintes estágios de organização: a) formulação da tese; b) a análise da tese c) a formulação dos argumentos d) a conclusão que resulta das provas ou razões apresentadas.

No texto em questão, esses estágios de organização não obedecem a uma sequência rígida, por se tratar de um texto-em-funções, que se propõe comunicar um conteúdo complexo, em um curto espaço, para leitores que talvez tenham um conhecimento limitado sobre o contexto sócio-econômico e político de um país europeu: a França. Esse fato tende a orientar as escolhas linguísticas e o modo de organização da linguagem.

Assim, o enunciador parte de informações que possam situar os leitores no contexto de comunicação. Para isso, ele estabelece uma relação comparativa entre duas realidades: os conflitos sociais em Paris e os conflitos sociais em morros do Rio de Janeiro, que é uma realidade conhecida pelos brasileiros. [1/2] *O que está acontecendo em Paris e em outras cidades francesas parece a repetição, sem o morro, da situação das favelas do Rio de Janeiro.*

Com base nessa informação, o enunciador constrói os argumentos. Primeiro argumento [4/5] *O problema é que ocorre justamente em uma das mais simbólicas cidades do Ocidente rico e glamuroso.* Nesse argumento está implícita a ideia de que os conflitos que ocorrem na França representam um problema maior do que aqueles que ocorrem nos morros do Rio de Janeiro,

porque no Rio, os conflitos ocorrem em regiões pobres constituídas por favelas, enquanto na França esses ocorrem em Paris, uma das mais simbólicas cidades de um Ocidente rico e glamuroso.

Segundo argumento [8/11] *A avaliação mais convencional sobre a crise “balieues” parisiense já foi feita pelo próprio presidente Jaques Chirac em um livro velho (“A França para todos”), como recorda o jornal britânico. “Financial Time”. “Mais da metade da população Francesa não é nem entendida nem protegida.* Ao utilizar o recurso da citação, o enunciador constroi o argumento de reforço, que se apoia na fala de uma autoridade e em fatos noticiados por um jornal de grande circulação e credibilidade. Essa estratégia argumentativa visa a atribuir um valor de verdade ao dito.

Após informar sobre o fato em questão e argumentar sobre ele, o enunciador propõe sua tese. [21/22] *É um problema social, mas é também policial. Não dá para confundir as coisas e alegrar-se, como certos setores da esquerda idiotizada, com ataque a símbolos do capitalismo.* Nessa tese, o enunciador defende a importância de se fazer distinção entre o aspecto social e o aspecto policial dos conflitos. Subentende-se, assim, que o primeiro se resolve com medidas sócio-econômicas e o segundo, com medidas repressivas.

Na conclusão do texto, o enunciador nega parte de sua tese, formulada a partir dos argumentos de reforço, que constituíram as provas ou as razões apresentadas. Na conclusão, tem-se o enunciado [23/24] *Essa meninada não está procurando “liberdade/igualdade/fraternidade” nem nos subúrbios de Paris nem nos morros do Rio.* Essa conclusão nega o aspecto social dos conflitos, que foi apresentado no argumento de reforço. [10/12] *Mais da metade da população francesa não é nem entendida nem protegida. As pessoas perderam a confiança. Seu desespero leva à resignação; há o risco de incitar o ódio.* Verifica-se, nessas considerações finais, que o enunciador perde um fio do discurso e, assim, comete uma falha de coerência de ideias.

A organização textual segundo o modelo de Toulmin

Ainda numa perspectiva global, aplicamos o modelo proposto por Serafini apud (Toulmin, 1958 & More, 1981), à análise do texto em questão. Esse texto é introduzido pela informação seguida da garantia e da afirmação. A informação se apresenta no trecho [1/3] *O que está acontecendo em Paris e em outras cidades francesas parece a repetição, sem o morro, da situação das favelas do Rio de Janeiro ou de outras regiões do Brasil em que o Estado já não controla nem tem, como seria de rigor, o monopólio no uso das armas.* Nesse parágrafo introdutório, o enunciador estabelece uma relação de semelhança entre duas realidades e, assim, situa o leitor no contexto de comunicação.

Após situar o leitor, o enunciador passa da informação para a garantia e, por meio do recurso da citação, ele constroi o argumento de reforço, conforme se observa [8/11] *A avaliação mais convencional sobre a crise “balieues” parisiense já foi feita pelo próprio presidente Jaques Chirac em um livro velho (“A França para todos”), como recorda o jornal britânico “Financial Time”. “Mais da metade da população francesa não é nem entendida nem protegida.”* Ao construir esse argumento o enunciador cuida para que as garantias sejam aceitas e compartilhadas, por isso, utiliza fontes que se supõem confiáveis e seguras, tendo-se em vista que a aceitação das garantias pelos leitores implica em obter o sucesso do evento discursivo.

A intenção de obter o sucesso do evento discursivo condiciona a atitude comunicativa do enunciador, que segue os passos: situa o leitor, apresenta o argumento de reforço como garantia e passa à tese, que é formalizada por meio de uma declaração afirmativa. [21/23] *É um problema social, mas é também policial. Não dá para confundir as coisas e alegrar-se, como certos setores da esquerda idiotizada, com ataque a símbolos do capitalismo.* Ao situar o leitor no contexto de comunicação e lhe apresentar garantias aceitas e compartilhadas, o enunciador apresenta-lhe a tese e, assim, espera conquistar sua adesão.

A organização de parágrafos no texto-em-funções

A intenção de comunicar algo sobre um objeto de discurso tão complexo, como os conflitos sociais em Paris, para leitores que estão distantes dessa realidade, faz com que o enunciador busque meios criativos de organização da linguagem. Isso justifica a opção por

diversas formas de organização de parágrafos, quais sejam: exemplificação, causa e consequência, comparação dentre outras. A riqueza de informação desse texto o condiciona a apresentar características variadas.

O texto, em análise, constitui um exemplo de condensação de quase todas as formas de ordenação de parágrafo. Nele podemos constatar a ordenação por espaço: [1] *em Paris, em outras cidades francesas* [2] *favelas do Rio de Janeiro, outras regiões do Brasil*, [4] *em uma das mais simbólicas cidades do Ocidente*.

A ordenação por tempo [13] *faz tempo*, [19] *há algum tempo, agora*. Essas relações espaço-temporais podem agregar-se a outras formas de organização, principalmente, àquelas que visam comparar países, estados, regiões nesses níveis. Sendo assim, a estruturação por tempo e espaço está contida na estruturação por contraste ou comparação, uma complementa a outra para comunicar o conteúdo em questão.

Na ordenação por contraste e comparação podemos observar as seguintes relações: [1/2] *parece uma repetição sem o morro*, [23/24] *subúrbios de Paris/morro do Rio*, [16] *pais e avós conformados/terceira geração que não aceita passivamente a exclusão*, [21] *é um problema social/é um problema policial em Paris como no Brasil*. Nesses trechos estão interagindo três tipos de ordenação: contraste, comparação e espaço.

Constata-se, ainda, a ordenação por enumeração, conforme se observa [10] *mais da metade da população francesa não é nem atendida nem protegida, as pessoas perderam a confiança* [11] *seu desespero leva à resignação*. Essa enumeração de fatores também pode ser considerada como causas que levam às seguintes consequências: [11] *há o risco de incitar o ódio* [12] *explosão social* [20] *jovens se tornarem recrutas da violência*.

A enumeração aqui, também, tem valor de explicitação, pois, à medida que o autor enumera os fatos, ele também explicita as causas geradoras dos conflitos e, ao fazer isto, acaba por apresentar as consequências como: *explosão social, os jovens se tornarem recrutas da violência*. Trata-se de relações muito sutis nem sempre marcadas linguisticamente. As relações de causa e consequência, por exemplo, não estão explicitadas por meio de suas marcas linguísticas, identificáveis na superfície textual, estas ocorrem por meio das relações semânticas existentes entre os períodos.

Sobre a ordenação por contraste, Garcia (1972) admite haver uma leve diferença entre contraste e comparação. O contraste está no plano conceitual (oposição de ideais, antítese), portanto não apresenta as marcas linguísticas típicas da comparação (parece, como etc.). Essas formas não são excludentes e sim complementares e coexistem em um único texto, dependendo de sua complexidade e de sua função comunicativa. Em se tratando do texto, em análise, sua função comunicativa consiste em elucidar algumas questões que envolvem os conflitos sociais em Paris.

Sob um olhar superficial, a organização do texto, em análise, poderia ser classificada como organização por comparação, que é sua marca predominante. No entanto, sabemos que essa classificação se torna inviável quando se trata de um texto desempenhando funções comunicativas. No texto em questão, por exemplo, verificamos a concomitância de quase todas as formas de ordenação de parágrafo, o que não gerou um caos nem a dispersão de ideias, que prejudicasse sua compreensão, embora o enunciador tenha cometido uma falha de coerência de ideias nas considerações gerais, uma vez que essas não uniram a ideia afirmada (tese) às provas ou razões (garantia), o que resultou na negação de parte da tese.

Esse nível de escrita requer do enunciador mais que a habilidade para codificar e sequenciar elementos linguísticos dentro de um determinado esquema textual. Além dessa habilidade, ele precisa demonstrar competência comunicativa para modalizar os atos de fala, conforme o grau de compromisso que desejar assumir, estabelecer as relações semânticas entre os enunciados e entre estes com o contexto de produção.

Entende-se, assim, que o conhecimento do produto linguístico e dos fatos enunciativos que envolvem o processo de produção e recepção de textos tende a despertar consciência do produtor, sobre o uso da linguagem e sobre suas formas de organização. Isso significa entender que as escolhas linguísticas assim como o modo de estruturação do texto tende a variar de acordo com objeto de comunicação, com a complexidade do tema e com as circunstâncias de produção, conforme já dissemos. Em função disso, um único texto pode agregar categorias linguísticas típicas de comparação, de exemplificação, de causa e consequência e outras.

Nesse sentido, Garcia (1972) reconhece a existência de diferentes tipos de organização de parágrafo, em razão da natureza do assunto, do gênero de composição, da subjetividade do

produtor e das características dos leitores a quem o texto se dirige. Porém, para escritores iniciantes, que têm dificuldade de escrever, Serafini (2004) sugere um roteiro que oriente o processo de escrita. Isso significa observar que cada parágrafo corresponde a uma ideia de roteiro.

Enfim, concluímos que a organização de parágrafos no texto-em-funções não obedece a uma forma rígida, pois, para cumprir funções comunicativas, às vezes, o produtor de um texto precisa recorrer a vários recursos expressivos, o que implica na opção por várias formas de organização da linguagem. Essa análise revela que a classificação de parágrafos por ordenação pode ser eficiente para fins didáticos, uma vez que na dinâmica discursiva essas formas se complementam entre si, com vistas a dar conta de transmitir o conteúdo das mensagens. Isto acontece porque a linguagem humana não se constitui por esquemas rígidos de estruturação sintática nem por chavões que se aproximam da linguagem artificial.

Considerações finais

Neste artigo analisamos a organização de parágrafos no texto-em-funções ou o texto como manifestação da linguagem. Tratamos a linguagem como um fenômeno dinâmico ultrapassa o plano da forma, por conceber o texto não como construção linguística abstrata, mas como o texto-em-funções, que tem como finalidade a interação pela linguagem.

O texto que constituiu o objeto de estudo foi classificado como um artigo de opinião, por meio do qual o enunciador expôs suas ideias e argumentou em defesa de um ponto de vista. As características do texto, em questão, influenciaram a opção pela análise do parágrafo expositivo-argumentativo, uma vez que esse foi predominante no texto.

Abordamos a organização do parágrafo expositivo-argumentativo como instrumento de realização das intenções comunicativas do produtor. Para tornar essa análise possível, partimos da forma fixa de organização de parágrafos, para chegarmos a uma forma dinâmica, que conjugou quase todas as formas de organização no texto analisado.

Os dados desses estudos revelaram que os parágrafos podem ser classificados por ordenação, dentro de formas fixas, apenas para fins didáticos, uma vez que na dinâmica de uso da

linguagem a escolha das formas de organização de parágrafos tende a variar de acordo com objeto de comunicação, com a complexidade do tema e com as circunstâncias de produção textual. Em função disso, um único texto pode agregar categorias linguísticas típicas de comparação, de exemplificação, de causa e consequência e outras, conforme verificamos no texto, que constitui o *corpus* deste trabalho.

Referências bibliográficas

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Tradução de Marcondes Souza Filho. Porto Alegre. Artes Médicas, 1980.

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. São Paulo: Cortez, 2002.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 2 ed., Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longmann, 1985.

SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. 12 ed., São Paulo: Globo, 2004.

VARÓ, E. A. *Três paradigmas de la investigación lingüística*. Madrid: Marfil, 1990,